

Dr. Dave Mathewson, Hermenêutica, Aula 16, Desconstrução

© 2024 Dave Mathewson e Ted Hildebrandt

O movimento conhecido como pós-estruturalismo deu origem ou incluiu uma variedade de abordagens que muitas vezes também são vistas em termos de abordagens pós-modernas da interpretação bíblica. Mas na última sessão analisamos uma das abordagens, abordagens de resposta do leitor, que se centram no leitor como um determinante do significado. Vimos que mesmo as abordagens de resposta do leitor parecem abrir espaço para pelo menos dois tipos diferentes de abordagens, embora sejam todas semelhantes na medida em que o foco está no leitor que dá sentido ao texto e está envolvido na descoberta ou criação de significado.

Mas duas das abordagens nas quais passamos mais tempo, uma delas era uma abordagem mais conservadora que via os leitores sendo guiados pelo texto ou guiados pelo autor desempenhando o papel do leitor ideal ou leitor implícito no texto que o autor cria ou com o qual o autor espera que o leitor se identifique. A outra abordagem mais radical de resposta do leitor, identificada com nomes como Stanley Fish, tinha afirmações que eram muito mais abrangentes ao negar que houvesse qualquer significado no texto, mas, em vez disso, o texto era uma criação do leitor. E para o leitor, o texto funcionava como um espelho para refletir o que o leitor traz do texto.

Somos tão influenciados pela nossa perspectiva, pelas estruturas da nossa mente, pelos nossos valores, que isso não determinará necessariamente o que encontramos no texto. Isso deu origem a essa abordagem, aquela resposta radical do leitor poderia ser vista como sendo empurrada ainda mais para terminar numa abordagem conhecida como desconstrucionismo ou leitura desconstrutiva do texto. O desconstrucionismo parece ter se tornado e está se tornando mais difundido nos círculos literários e também se espalhou pelos estudos bíblicos.

Embora haja debate sobre como exatamente descrevê-lo e como categorizá-lo, parece não ser apenas uma abordagem interpretativa, mas também parece refletir uma abordagem filosófica ou um movimento filosófico. Basicamente, num nível muito simples, o desconstrucionismo sugere que todos os textos, em última análise, se enfraquecem e se desconstruem. Ou seja, os textos não são estáveis, não existe um significado estável no texto.

Em vez disso, os textos não conseguem comunicar, mas em vez disso enfraquecem-se, desconstruem-se. Uma definição de desconstrucionismo era mais ou menos assim: desconstrucionismo é gerar significados conflitantes a partir de um texto e reproduzir esses significados uns com os outros. Portanto, no cerne do desconstrucionismo está basicamente a comunicação e o texto são autodestrutivos.

Existem, por assim dizer, fissuras ou rachaduras no texto que tornam impossível um significado estável. Não existe um significado estável, o significado não existe e, em vez disso, há um ceticismo radical sobre o significado do texto. Na verdade, há uma ausência de sentido no texto de acordo com esta abordagem.

O defensor mais famoso e conhecido desta abordagem à interpretação foi o filósofo francês Jacques Derrida, que viveu de 1930 a 2004, creio eu. No centro de sua compreensão estava o sinal, o que ele significava e a que se referia. E basicamente, o que ele disse, não havia ligação entre um sinal e aquilo a que ele se referia.

Havia uma diferença ou uma lacuna, não havia conexão. Em outras palavras, segundo ele, as palavras adiam infinitamente o significado. As palavras simplesmente se referem a outras palavras e nunca se alcançam, nunca conseguem captar significado.

Eles nunca os alcançam, então, novamente, não há um significado estável. Os textos revelam então o texto, o que se encontra no texto são significados múltiplos e contraditórios. O desconstrucionismo é então uma ruína do texto.

E, novamente, parte da questão para Derrida era a questão do poder, de que ninguém poderia reivindicar um significado correto, fazê-lo seria autoritário. E assim, portanto, os textos derrubam os significados autoritários. Os textos derrubam abordagens interpretativas estáveis.

Então, eles fazem isso mostrando que não há um significado correto no texto. O desconstrucionismo derruba interpretações autoritárias ao mostrar que não existem significados corretos, que existem significados conflitantes ou contraditórios. Assim, para Derrida, o significado sempre foi algo instável, o significado era infinitamente adiado, era apenas provisório, era incompleto.

Ora, o próprio Derrida não via o desconstrucionismo como negativo, embora a maioria dos seus intérpretes o tenha feito. E parte da dificuldade a que Derrida está a responder é que não existe verdade transcendente. Não há centro.

Basicamente, no seu cerne, o desconstrucionismo está geralmente ligado ao ateísmo. Deus não existe. Não há transcendente.

Não há centro, nada em que possa fixar o significado. E se for esse o caso, se não existe nenhuma verdade metafísica transcendente ou nenhum centro, então existe, segundo Derrida, apenas um jogo interminável no texto. Portanto, o significado absoluto nos escapa.

E embora Derrida nem sempre tenha sido bem recebido, especialmente por outros filósofos e críticos, ele teve um impacto duradouro na hermenêutica e também na interpretação bíblica. Um indivíduo, e darei alguns exemplos de abordagens

desconstrutivas do texto bíblico, mas um indivíduo interessante, um estudioso do Novo Testamento chamado Stephen Moore, na verdade começou sua carreira na Irlanda e agora acho que leciona na Universidade Drew, nos Estados Unidos. Estados Unidos, passou algum tempo na Universidade de Sheffield, na Inglaterra. Mas Stephen Moore é bem conhecido pelos seus livros e artigos, pelas suas publicações, que se baseiam em Derrida e no desconstrucionismo.

Na verdade, ele começou de forma mais literária e passou para uma maior resposta do leitor e agora foi além disso para abordagens mais desconstrutivas de interpretação. Mas as suas publicações pretendem e revelam claramente a sua intenção de aplicar as abordagens desconstrutivas de Derrida ao texto bíblico. Em livros rotulados como Marcos e Lucas na Perspectiva Pós-Estrutural e outro de seus livros, Pós-Estruturalismo no Novo Testamento, Derrida e Foucault ao Pé da Cruz.

E nestes textos, nestes livros, o texto bíblico, por vezes até nas línguas inglesas, consistente com o desconstrucionismo, mas não só a língua inglesa, mas o texto bíblico é manipulado e reflecte abordagens desconstrutivas para que tudo o que resta é brincar com o texto. Um exemplo clássico que você frequentemente encontra mencionado em textos hermenêuticos que discutem ou tratam do desconstrucionismo, um exemplo famoso de Stephen Moore na aplicação de abordagens desconstrutivas ao texto bíblico é a maneira como ele aplica a desconstrução ao Livro de Marcos. E deixe-me ler um trecho.

Novamente, este é frequentemente referido como um exemplo desse tipo de abordagem. E então ouça o que Stephen Moore faz com o Evangelho de Marcos. Ele diz que a teologia de Marcos é comumente considerada uma teologia da cruz, uma teologia na qual a vida e a morte se entrecruzam.

Em Marcos, a assinatura do discípulo só pode ser a de uma cruz ou de uma cruz de Cristo, que o meu dicionário define como a figura de uma marca de cruz em geral, especialmente aquela feita ao assinar o seu nome por uma pessoa que não sabe escrever. . Isso vem do Oxford English Dictionary. Mas uma pessoa incapaz de escrever geralmente não sabe ler.

E em Marcos, os discípulos, geralmente em desacordo com Jesus, são singularmente incapazes de ler. Jesus deve falar palavras cruéis aos seus discípulos perplexos. Capítulo 8, versículo 33, e veja Capítulo 8, 17 a 21.

Uma cruz também é um quiasma. E observe o que ele está fazendo. Ele está brincando com o texto e fazendo associações de palavras, mesmo em inglês.

Portanto, ele não está interessado em tentar descobrir a intenção do autor ou um significado correto e estável. Agora ele está simplesmente traçando todos os tipos de conexões e simplesmente brincando livremente com o texto. A cruz é também um quiasma, uma fusão transversal em que a ordem estabelecida em primeira instância, quem quiser salvar a vida a perderá, é invertida em segunda instância.

E quem perder a vida a salvará. Central para Marcos é o fato da crucificação. Uma ficção estruturada como uma cruz ou um quiasma.

Novamente, minha intenção não é que você entenda isso, mas simplesmente ver o que acontece com esse tipo de leitura. Quiasmo vem da palavra grega *chiadzeme*, que significa marcar com a letra X, pronunciada ki. E ki é um anagrama de ich, que em alemão significa o pronome pessoal I. E o termo técnico em Freud que os tradutores ingleses traduziram como ego.

E Jesus, que se identifica aos seus discípulos aterrorizados em Marcos 6.50 com as palavras *ego eimi*, a palavra grega para eu sou ou sou eu, ele próprio possui um

nome que é um eco do francês je suis, eu sou. A única letra supérflua é o eu ou ego, que é assim marcado para exclusão. Pai, não o que eu quero, ego, mas o que você quer, capítulo 14, versículo 36.

Ser marcado já está quase acabando, ser marcado com o X, a cruz, é doloroso. Pois chiadzeme também significa cortar. Outro significado de quiasma é pedaço de madeira.

E o quiasma no qual Jesus se contorce ou escreve é um púlpito e também uma escrivaninha. Morrendo, ele abre o livro do Salmo 22 e lê o versículo inicial: Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste? Chi, a primeira letra de Christos, é também a 22ª letra do alfabeto grego. Semelhante ao Salmo 22.

Então você vê o que Moore fez? Por mais maluco, louco ou estranho que isso nos pareça, é muito consistente com uma abordagem desconstrutiva. Isso simplesmente brinca com o texto. Não há significado estável.

Os signos se submetem infinitamente a outros signos. E assim ele pode trazer o alemão e o francês e estabelecer todo tipo de conexões estranhas. Porque ele não está interessado em tentar captar o significado correto do texto que o autor pretendia ou que se encontra no texto.

Mas, em vez disso, a partir de uma abordagem pós-estrutural e desconstrutiva que se baseia nos insights de Derrida, Stephen Moore lê-o a partir de uma perspectiva desconstrutiva. Para dar alguns outros exemplos, um estudioso do Antigo Testamento que está interessado em aplicar métodos desconstrucionistas ou desconstrucionistas à interpretação de textos bíblicos é David DJ Clines. Que escreveu vários artigos que aplicam abordagens desconstrutivas.

Um deles em Jó. E curiosamente o que ele diz quando você lê o livro de Jó é que Deus justifica Jó. Novamente para mostrar como o texto se volta sobre si mesmo e se desconstrói.

Deus justifica Jó no livro de Jó. Mas Jó afirmou que Deus o tratou injustamente ou o puniu no livro. Mas se Deus justifica e apoia Jó, isso deve significar que o próprio Deus é injusto na forma como trata Jó e no que ele diz.

Portanto, o próprio texto de Jó se trai. Ele se transforma sozinho. Ele desconstrói.

Para dar alguns outros exemplos: Uma pessoa, um estudioso bem conhecido que às vezes aplicou métodos desconstrutivos na interpretação do texto do Novo Testamento, é John Dominic Crossan. Que muitas vezes é mais conhecido pelo papel que desempenhou no Seminário Jesus. E algumas das coisas que ele concluiu sobre o Jesus histórico.

O que podemos ou não saber sobre quem ele era e o que disse. Mas John Dominic Crossan escreveu bastante sobre as parábolas. Frequentemente interpretando-os e lendo-os a partir de abordagens do tipo desconstrutiva.

Por exemplo, um dos mais interessantes que encontrei, já vi outros mencionarem isso, mas me deparei e li. É o seu tratamento da parábola do tesouro no campo. Lembre-se de Mateus 13, uma das parábolas que Jesus usa para comparar o reino de Deus.

É alguém que sai para um campo. Eles encontram um tesouro e vão vender tudo o que têm. Para que possam comprar este campo e possuir o tesouro.

John Dominic Crossan interpreta isso como significando que se deve abandonar tudo pelo bem do reino. Mas então ele vai mais longe e diz, mas se alguém deveria

abandonar tudo. Se alguém abandonar tudo, também deverá abandonar esta parábola.

E, em última análise, deve-se abandonar o abandono. Então, novamente, ele simplesmente, como o próprio Dominic Crossan diz, ele está simplesmente participando de um jogo livre. Esse é um texto que pode ser interpretado para sempre.

Outro livro que tem sido frequentemente sujeito a abordagens desconstrutivas é o livro do Apocalipse. Curiosamente, a forma como o Apocalipse é frequentemente visto como aceitável para abordagens desconstrutivas. Isso é observar o fato de que não existe um significado estável.

Que o livro gera significados conflitantes. Ele se transforma sozinho. Isso se contradiz.

Está no Apocalipse, João parece condenar Roma pela sua violência e pelo uso da força. Repetidas vezes retratando Roma como uma fera. E descrevendo-o como construído com base no derramamento de sangue e na força.

E construído sobre a morte dos santos. Mas também tirando a vida de todas as pessoas no mundo inteiro. João repetidamente condena Roma, condena o império pela sua violência e pela sua força.

No entanto, a condenação de Roma por parte de João na verdade mina o seu livro. Quando não só João condena Roma. Mas quando Deus acaba punindo Roma com violência e força.

Na forma de selos e pragas. As diferentes pragas. Os selos, os touros e as trombetas.

E, finalmente, o julgamento final. O julgamento final. Onde Deus lança os ímpios e os maus no lago de fogo.

As abordagens desconstrutivas do Apocalipse enfatizam e destacam o fato de que. Enquanto João condena Roma pela sua violência e pelo uso da força. O livro da mensagem de João se prejudica.

Desconstrói-se quando Deus pune Roma com a mesma violência e força que João condena. Então Deus é culpado do mesmo crime que Roma. Como Roma é acusada e punida.

Além disso, Deus não vence o mal em última instância porque usa o mal para destruir o mal. Portanto, o cerne da compreensão do Apocalipse nesses termos. É uma abordagem desconstrutiva que vê o Apocalipse sem qualquer significado estável.

E, em vez disso, gerando significados conflitantes. Que o texto meio que quebra e o texto se prejudica. Então, o que deveríamos dizer em termos de avaliação das abordagens desconstrutivas na interpretação do Antigo Novo Testamento? Em primeiro lugar.

As abordagens desconstrutivas, na minha opinião, estão novamente em conflito. Com a compreensão do texto das escrituras inspirado por Deus. As abordagens desconstrutivas estão, em última análise, em conflito com um Deus.

Quem inscreve a sua revelação no texto bíblico. E espera que o seu povo o compreenda, obedeça e o coloque em prática. Essa abordagem parece-me estar em desacordo com uma abordagem que diz que não existe um significado estável.

Os textos simplesmente geram interpretações e significados conflitantes. Isso pode ser jogado um contra o outro. Ou uma abordagem que diz que não existe um significado estável.

Não há verdade, realidade ou significado metafísico que ancore e fundamente a interpretação. Em segundo lugar está a desconstrução que deveria. As abordagens desconstrutivas deveriam, em última análise, desconstruir-se.

E como muitos reconheceram. É interessante que pelo menos alguns autores. Embora talvez o exemplo que lemos de Stephen Moore fosse uma exceção.

Mas alguns autores escrevem novamente para serem compreendidos. E para comunicar sua compreensão do desconstrucionismo. De uma forma que vamos entender.

Novamente, finalmente. Com abordagens desconstrutivas, obviamente. Sua subjetividade e relativismo reina no que se encontra no texto.

Para que novamente não haja critérios para uma boa ou má leitura ou interpretação. Então quem se interessa há leituras boas ou ruins. Existem interpretações corretas ou incorretas.

Existem leituras e interpretações boas ou melhores de um texto. Encontrará pouco valor no desconstrucionismo ajudando a responder a esses tipos de perguntas. Mas talvez apenas para mencionar alguns insights do desconstrucionismo.

Acho que pelo menos o desconstrucionismo nos lembra. Da negligência ou confusão de interpretação às vezes. Novamente, nem sempre é um processo direto.

De aplicar indutivamente esses métodos. E ser capaz de abstrair o sentido puro e objetivo do texto. Mas o desconstrucionismo nos lembra da confusão da interpretação.

Que, como Paulo diz, vemos vagamente através de um espelho. O que eu contribuiria para a pecaminosidade humana. Em vez da instabilidade inerente do significado.

E a ausência de qualquer significado estável ou de qualquer realidade metafísica. Ou a existência do próprio Deus. Uma segunda coisa que às vezes é o desconstrucionismo que acho que pode nos lembrar.

Não encobrir muito rapidamente as tensões no texto. Quando parece haver oposições ou tensões no texto. O desconstrucionismo pode chamar nossa atenção para isso.

E lembre-nos de não encobrir isso muito rapidamente. E finalmente penso no desconstrucionismo. Muito parecido com as abordagens de resposta do leitor.

Funções para gerar humildade. Mais uma vez percebendo que trazemos nossas suposições. Nossos pressupostos para o texto.

Nós lemos isso com base em nossa própria formação. Isso por causa da pecaminosidade humana. A interpretação nem sempre é um processo fácil e direto.

Às vezes há uma confusão nisso. O desconstrucionismo pode nos ajudar a abordar o texto com humildade. Pode gerar humildade no intérprete.

Ao perceber as limitações do intérprete. Quando nos aproximamos do texto bíblico. Dito isto, passaremos a olhar para o ideológico.

Apenas algumas abordagens ideológicas do texto bíblico. Mas novamente pós-estruturalista ou desconstrucionista. Provavelmente é frequentemente visto como a forma mais extrema.

De abordagens pós-estruturais do texto. Frequentemente, aquele que é menos passível de interpretação evangélica. Isso vê a palavra de Deus como Deus se comunicando.

Que existe uma realidade que fundamenta o significado. E fundamenta a interpretação. Existe um significado estável.

Por mais difícil que seja chegar. Por mais que não possamos chegar a isso. Exaustivamente e perfeitamente.

Que ainda podemos substancialmente. Por mais fraca e escura que seja a janela. Ainda há uma janela.

E há uma realidade na pessoa de Deus. Isso fundamenta o significado. Então, por essas razões, muitas vezes o desconstrucionismo.

Ou abordagens desconstrutivas da hermenêutica. Geralmente são vistos como os menos receptivos e menos valiosos. Pelo menos para interpretações evangélicas.

Deixe-me fazer mais dois comentários sobre. Abordagens pós-estruturalistas ou pós-modernas do texto. Deixe-me voltar novamente para resumir.

O que é frequentemente rotulado como abordagens pós-modernas de interpretação. Como eu disse abordagens pós-modernas. Pode ser visto como tendo um punhado de valores.

Ou um punhado de características. Isso parece estar por trás das abordagens pós-modernas. Ou o que frequentemente ouvimos chamar de interpretação pós-moderna.

A maioria deles já mencionamos. Mas antes de tudo. Não existe uma interpretação correta.

De um texto. Defender uma interpretação correta de um texto. Para abordagens pós-modernas.

É mais um movimento político para estabelecer novamente o poder. Mas o que o pós-modernismo quer fazer. O campo de jogo está nivelado.

Portanto, não há uma interpretação correta. Todas as leituras e todas as interpretações são igualmente válidas. A segunda coisa que o pós-modernismo defende.

É que nossas interpretações são influenciadas por nossas suposições anteriores. Nossas localizações sociais. O que trazemos para o texto.

Não existe um observador objetivo e neutro. Isso chega ao texto de maneira puramente indutiva. Mas, em vez disso, novamente a nossa localização social.

As suposições que trazemos para o texto. Nossos valores etc. Nossas tradições afetarão o que encontramos no texto bíblico.

E terceiro. De acordo com abordagens pós-modernas. Novamente não há metanarrativa.

Não existe uma grande história. Isso esclarece tudo. Mas em vez disso, todas as histórias.

Todas as narrativas são igualmente válidas. Portanto, abordagens pós-modernas. Com semelhanças com o pós-estruturalismo.

E abordagens desconstrutivas. Sugira que não existe um significado definido estável. O pós-modernismo defende uma recusa em reconhecer.

Qualquer significado correto. Ou qualquer significado definido no texto. Colocado lá pelo autor.

Mas, novamente, abordagens pós-modernas. Embora inerentemente difícil. Com a defesa da interpretação pluralista.

E ninguém tem um significado correto ou um significado estável. Principalmente para os evangélicos. Que vêem a Bíblia como o registro da revelação de Deus.

Seus atos reveladores ao seu povo. Que ele espera que eles entendam e obedeçam. Apesar disso.

Abordagens pós-modernas mais uma vez. Pode funcionar para leitores e intérpretes cristãos. Para gerar humildade.

Para chegar ao texto humildemente. Reconhecendo nossa pecaminosidade. E reconhecendo nossas limitações humanas.

Quando interpretamos um texto. Segundo. Novamente abordagens pós-modernas.

Pode nos ajudar a reconhecer o que trazemos para o texto. E terceiro. Também pode nos causar.

Como vimos com as críticas da resposta do leitor. Para ouvir. Pois os cristãos podem fazer-nos ouvir outras vozes.

Ou outras perspectivas sobre o texto. E quando essas perspectivas se alinham com o texto. Pode também, como eu disse, nos ajudar a superar.

Nossa própria miopia hermenêutica. Ou a nossa própria miopia na interpretação do texto. Outra faceta dos tipos de abordagens pós-modernas.

Ou para onde foi a hermenêutica. E está indo. Isso eu só quero abordar brevemente.

E isso, em alguns aspectos, entrou em voga. E ainda resta saber exatamente o que será feito com isso. Mas é o que é conhecido como abordagens ideológicas da interpretação bíblica.

Isso é interpretar intencionalmente o texto a partir de certas perspectivas ideológicas. E se aproxima. E a suposição por trás disso é esta.

Que os textos são ideológicos. Os textos bíblicos são ideológicos. Na medida em que refletem as crenças e valores.

E suposições de um autor em uma determinada cultura e local. Portanto, o significado de um texto é realmente o resultado. É realmente ideológico.

Que é o resultado da luta do autor numa cultura. Para se afirmar. Para se expressar.

Para que o texto reflita necessariamente os valores. Os interesses. E as crenças e suposições do autor.

E assim as abordagens ideológicas do texto fazem algumas coisas. Número um. Eles tentam descobrir as perspectivas ideológicas do texto.

E o autor. Isso reflete o fato de o texto ter sido produzido em determinado momento e local. Assim, em alguns aspectos, as abordagens ideológicas têm alguma sobreposição com as abordagens históricas.

Fazendo a pergunta do autor e sua situação. Sua localização social. Mas o que isso faz.

Ele tenta. Como eu entendo. Pelo menos parcialmente.

É uma tentativa então de descobrir a perspectiva ideológica do texto. E como o autor estava tentando moldar os leitores a partir dessa perspectiva. Mas em segundo lugar.

As abordagens ideológicas vão além e convidam o leitor a se engajar e a se submeter a uma crítica ideológica do texto. Portanto, revela a perspectiva ideológica. Os valores.

Os pressupostos do texto. As crenças do autor. Mas vai mais longe e observa onde certas outras perspectivas são silenciadas.

Ou não foi dada voz. Ou pergunta. Olha para o ilegítimo.

Muitas vezes a crítica ideológica é vista como a. Entendido como o uso ilegítimo do poder. Assim, analisa como o autor tentou persuadir os leitores de sua perspectiva ideológica.

Analisa como outras perspectivas foram silenciadas. E basicamente critica a perspectiva do texto. Geralmente à luz dos valores, preocupações e interesses do leitor moderno em sua cultura.

Deixe-me dar um exemplo daquilo que é frequentemente conhecido como abordagens feministas. Ou crítica feminista. E sua abordagem à interpretação.

Abordagens feministas ou críticas feministas ao texto bíblico. Muitas vezes resulta na leitura do texto bíblico de certa forma. Isso expõe novamente as suas atitudes opressivas em relação às mulheres.

Assume novamente. Às vezes, contando com abordagens históricas críticas tradicionais do texto. Assume que o texto bíblico foi frequentemente produzido numa cultura muito patriarcal.

Uma cultura dominada pelos homens. E assim lê o texto para analisá-lo sob essa perspectiva. Mas exponha essa perspectiva ideológica.

E como isso é opressivo. E como isso oprime e silencia as mulheres. E por isso lê o texto de uma forma que é libertadora para as mulheres.

E para as mulheres. Portanto, começa com uma perspectiva fora do texto. A necessidade de libertação.

O sentimento de opressão. A experiência de opressão e exclusão por parte das mulheres. E lê o texto de uma forma que expõe uma ideologia de opressão.

E então apela à libertação das mulheres. Na leitura do texto. Então, nesse aspecto, é semelhante à antiga teologia da libertação.

Ou leitura libertadora do texto. Por isso, critica o texto quanto às suas limitações ideológicas. Novamente tenta expor o uso ilegítimo da ideologia.

O uso ilegítimo do poder. E tenta notar onde certas perspectivas são silenciadas. Ele observa onde o texto é opressivo para certos leitores, como as mulheres.

Uma conhecida intérprete feminista do Antigo Novo Testamento. Especialmente o Novo Testamento. É um estudioso de Harvard.

A professora de Harvard, Elisabeth Schussler Fiorenza. Um estudioso alemão. Quem novamente lê o Novo Testamento em particular.

À luz da experiência de opressão e exclusão da mulher ou das mulheres. E sua luta pela libertação. Então Fiorenza lê o texto apelando a critérios.

Apelar conscientemente para um cânone ou critério. Fora da própria Bíblia. Essa é a necessidade da experiência da opressão.

E a necessidade de libertação. E novamente ela vê a Bíblia como patriarcal em sua estrutura. E ela se envolve em uma leitura que critica isso.

Esse ponto de vista mostra como é opressivo. E lê de uma forma mais libertadora para a leitora. Novamente, até abordagens feministas podem ser vistas.

Pode ser visto sob a perspectiva de abordagens mais radicais do texto. Ao contrário de às vezes mais suave . Por falta de palavra melhor.

Abordagens mais suaves do texto. Este último pode ter algum valor para interpretação. Até para os evangélicos.

Um exemplo de uma abordagem mais radical para interpretar um texto bíblico. É novamente encontrado no livro do Apocalipse. E um estudioso em particular fez mais do que qualquer outro.

Advogar, defender a leitura ideológica ou a leitura feminista de um texto bíblico. E essa é uma estudiosa do Novo Testamento chamada Tina Pippin. Tina Pippin escreveu bastante sobre o livro do Apocalipse.

Defendendo na maioria dos seus escritos que o livro do Apocalipse é um espaço inseguro para as mulheres. É hostil com as mulheres. E basicamente não deve ser lido.

Não tem nenhum valor para as mulheres. E o que ela faz, ela vai até o texto e anota como a mulher é tratada. Como a mulher é tratada.

Até no, principalmente na visão simbólica do livro. Ela observa como a mulher, o feminino, é tratada. Na verdade, você pode voltar aos capítulos 2 e 3 de Apocalipse.

Para notar como até nas sete mensagens ou nas sete letras. Como as mulheres são tratadas. Por exemplo, o texto que procuro.

Onde o autor se refere a uma mulher chamada Jezabel. E ele diz no versículo 22. Este é o capítulo 2 e versículo 22.

Uma das mensagens para a igreja de Tiatira. Ele diz, no entanto, tenho isso contra você. Este é o versículo 20.

Você tolera aquela mulher Jezabel que se autodenomina profetisa. Jezabel provavelmente não é seu nome verdadeiro. Mas um nome do Antigo Testamento que o autor lhe dá.

Para simplesmente caracterizá-la. E ele diz que, ao ensinar esta Jezabel, engana meus servos à imoralidade sexual. E comendo alimentos sacrificados aos ídolos.

Dei-lhe tempo para se arrepender da sua imoralidade. Mas ela não está disposta. E versículo 22.

Então vou lançá-la num leito de sofrimento. E farei sofrer intensamente aqueles que cometem adultério com ela. A menos que eles se arrependam de seus caminhos.

Então observe que Tina Pippin leria isso e diria. Veja como as mulheres são tratadas neste livro. Ela é simplesmente tratada como uma prostituta.

Jogado em uma cama. E causou sofrimento. Mas Pippin nas visões do próprio Apocalipse.

Ela também chama a atenção para outras referências às mulheres. Por exemplo, no capítulo 12. João tem a visão de uma mulher.

Quem está adornado com as estrelas do céu. E ela está grávida e pronta para dar à luz um filho. Portanto, mesmo aí, o papel principal da mulher é simplesmente dar à luz filhos.

Mas, além disso, quando a narrativa continua. Mais tarde na história. Versículo 6. Depois que ela dá à luz o filho.

O Dragão. Este dragão. A outra parte da visão.

O dragão vai atrás da mulher. E no versículo 6. A mulher fugiu para o deserto para um lugar preparado para ela por Deus. Então a mulher é marginalizada e isolada.

Ela está meio exilada no deserto. Forçado ao deserto para não desempenhar nenhum papel. Capítulo 17.

Novamente, no capítulo 17. Observe como Babilônia. Provavelmente uma referência à cidade de Roma.

No capítulo 17. É retratada como uma mulher que é prostituta. Então a única vez que a mulher aparece no capítulo 17.

De repente ela é uma prostituta. Abusado e usado por homens. E, de fato, bem no final do capítulo 17.

Na verdade, sim, capítulo 17. Observe como a mulher é destruída. Diz . _

A fera. Este é o capítulo 17 de Apocalipse. No versículo 16.

A besta e os dez chifres que você viu. Anteriormente na visão do capítulo 17. A besta e os dez chifres que você viu odiarão a prostituta.

E eles a arruinarão e a deixarão nua. Eles comerão a sua carne e a queimarão no fogo. Então a abordagem de Pippin é.

Mulheres. Este não é um livro seguro para mulheres. As mulheres são marginalizadas.

Elas são prostitutas. Eles são vítimas. Eles são vítimas do sexo masculino.

Sexualmente até a prostituição. Eles são abusados. Eles foram espancados.

Até o capítulo 21. Até o capítulo 21. Onde pareceríamos estar em um território mais positivo.

No que diz respeito à forma como as mulheres são vistas. A nova Jerusalém é comparada a uma mulher. Uma mulher.

Mas novamente. Pippin adota a linguagem das nações que entram nela. Literalmente.

Como entrar sexualmente nela. Então a mulher em Apocalipse. É uma prostituta.

Vitimado por homens. Ela está exilada em um deserto. E mesmo no capítulo 21.

Ela é um objeto da sexualidade masculina. Então, para Tina Pippin. O livro do Apocalipse.

Não é um espaço seguro para mulheres. E na verdade ela rejeita tudo junto. E vê isso como algo hostil às mulheres.

Uma abordagem mais suave pode ser ler. Novamente abordando o Antigo e o Novo Testamento a partir de perspectivas femininas. Pode novamente descobrir maneiras de ler textos.

Que poderíamos ter perdido. Na verdade, isso pode estar mais de acordo com o próprio texto. Uma leitura interessante.

Isso tem uma série de possibilidades interessantes. Que me deparei em um ponto. Volta ao capítulo 4 de João. Já tratamos deste texto algumas vezes.

Em conexão com o pano de fundo do texto. Com a referência ao Samaritano. O fato de a mulher com quem Jesus se encontra ser samaritana.

E o pano de fundo e a história do relacionamento judaico com os samaritanos. Essa não foi boa. E como isso faz diferença na forma como lemos um texto.

Mas também é interessante que Jesus se encontre com uma mulher. E então o capítulo 4 de João. É muito interessante quando lemos o diálogo e o envolvimento de Jesus com a mulher.

E o que acontece é. Jesus basicamente começa a questionar e interagir com essa mulher. E ele diz algo muito interessante.

Ele pede à mulher que ligue para os maridos. E a mulher diz que eu não tenho marido. E então Jesus diz que eu sei que você não sabe.

Você já teve cinco deles. E aquele com quem você mora agora não é seu marido. Agora, geralmente, a maneira como lemos isso.

E fui ensinado a ler isso. Essa mulher com quem Jesus vive é altamente imoral. Talvez ela seja uma prostituta.

Mas ela é imoral. Ela fica com quem ela quiser. Ela não consegue manter um casamento.

Ela pula de um marido para o outro. E agora mora com alguém com quem ela nem é casada. Então ela é pintada em termos muito negativos.

E muitas vezes é assim que lemos o texto. E como fomos ensinados a lê-lo. Ainda assim, curiosamente.

Algumas abordagens para este texto que li. Isso é mais sensível ao abordar a questão da perspectiva de uma mulher. Ou uma abordagem feminina.

Sugere isso talvez. Talvez tenhamos lido tudo errado. E se a mulher não estiver.

E se essa mulher com quem Jesus dialoga. Não é uma prostituta ou uma mulher viva solta. Ou aquele que simplesmente salta de uma pessoa para outra.

E dorme por aí. E se esta mulher for uma vítima? E se os maridos a deixaram.

E naquela época. Não se apegar ao marido. Teria tornado tudo muito difícil, se não impossível.

Para ela sobreviver. E também o fato de ela ter tido cinco casamentos. Não é só culpa dela.

Mas talvez porque foram os homens ou os maridos que a abandonaram. E fazendo com que ela tivesse que se casar novamente continuamente. E se apegar a outro marido.

E embora aquele com quem ela está agora. Não é o marido dela. Ainda assim, ela acha necessário vincular-se a uma figura masculina.

Apenas por uma questão de sobrevivência. Então, às vezes, é mais suave, por falta de um termo melhor. Abordagem feminista ou ideológica.

Pode revelar insights sobre um texto ou perspectiva. Isso pode revelar pontos cegos em sua própria abordagem. E, na verdade, pode até ser mais consistente com o próprio texto.

Como eu disse antes. Frequentemente, uma das funções das abordagens ideológicas. É que muitas vezes podem, como já disse.

Revele pontos cegos em sua própria interpretação. Às vezes, as abordagens ideológicas podem refletir perspectivas. Isso está mais próximo do próprio texto.

Como abordagens femininas. Contudo, mais uma vez, é preciso estar consciente da posição das abordagens ideológicas. Isso apenas critica a ideologia do texto bíblico.

Sem deixar a ideologia do texto. Ou a teologia do texto. Critique nossos pontos de vista ideológicos.

E nossas abordagens para interpretar o texto bíblico. Então isso realmente nos leva ao fim. De olhar para abordagens pós-estruturais para a interpretação bíblica.

Respostas especialmente orientadas para o leitor. Abordagens orientadas ao leitor para o texto bíblico. Para resumir, vimos que hermenêutica e interpretação.

Mudou de forma lógica e até histórica. Através das três fases principais da comunicação. Ou seja, um autor produz um texto.

E comunica isso aos leitores que devem lê-lo e entendê-lo. Vimos abordagens centradas no texto ou centradas no autor. Pertencem a abordagens históricas críticas.

Essa visão do significado é uma espécie de foco por trás do texto. Abordagens que localizam o significado e a atividade hermenêutica por trás do texto. Coisas como reconstruir o contexto histórico.

As características históricas mencionadas no texto. Descobrir os para ajudar a compreender o texto. Olhando para coisas como críticas informadas pela fonte.

E críticas de redação que enfocam as fontes por trás do texto. E, em última análise, do autor que produz o texto. Em seguida, abordagens centradas no autor que focam.

Intenção do autor que foca no autor produzindo um texto. E a intenção do autor como determinante do significado. Vimos isso devido a algumas das dificuldades inerentes às abordagens centradas no autor.

A interpretação avançou lógica e historicamente. Não exclusivamente, mas geralmente passou para abordagens centradas no texto. Onde o próprio texto era o foco do significado.

E assim surgiram diferentes abordagens literárias enraizadas no formalismo. Crítica narrativa. Coisas como estruturalismo.

Olhando não apenas para a estrutura superficial do texto. Mas a estrutura profunda subjacente. E olhando para coisas como oposição.

E a função dos actantes e das narrativas. Abordagens retóricas críticas que enfocam o texto como um todo. Abordagens centradas no texto que se concentram em todo o texto.

E encontre o significado que reside no texto. Mas novamente devido às dificuldades de algumas dessas abordagens. E sua incapacidade de fornecer um significado estável.

E para fornecer um significado objetivo. A interpretação mudou então para abordagens mais centradas no leitor. E mais abordagens pós-estruturais.

Isso se concentrou nas críticas da resposta do leitor. Que o leitor descubra ou mesmo crie sentido no texto. Não há significado objetivo no texto.

Não há texto. Mas o leitor entende o texto. Abordagens ainda mais extremas que veem o texto como uma espécie de espelho.

Isso apenas reflete a disposição do leitor. E os valores e crenças do leitor. E a comunidade à qual o leitor pertence.

E finalmente, além disso, para abordagens desconstrutivas. Onde simplesmente não existe um significado estável do texto. Os textos se desconstroem.

Eles são inerentemente instáveis. Eles geram significados conflitantes. E interpretações conflitantes e contraditórias.

Para que o resultado e o objetivo seja simplesmente brincar com o texto. Um jogo grátis sem fim. Uma interpretação sem fim.

E finalmente analisamos algumas abordagens ideológicas. Como o Novo e o Antigo Testamento são comumente vistos. Em termos das forças ideológicas.

A perspectiva ideológica do autor. E descobrindo isso. E então até criticando isso.

Para demonstrar onde isso pode ser injusto. Onde isso pode ser opressivo para certos leitores. O que eu quero fazer a seguir então.

Na próxima sessão. Começaremos a mudar nossa atenção. E mudar nosso foco para olhar para outros métodos de interpretação.

Outras abordagens que se enquadram nesses diferentes aspectos. Isso acabamos de ver. Mais leitor e histórico.

Ou texto centralizado. Sinto muito, autor e histórico. Centrado no texto ou centrado no leitor.

Comece a examinar uma variedade de métodos e abordagens. Isso geralmente é tratado em livros hermenêuticos. E são vistos como métodos importantes de interpretação.

E começando com a próxima sessão. Começaremos a examinar a crítica sociológica. E resumir brevemente novamente o que é isso.

Como isso tem sido utilizado nos estudos do Antigo e do Novo Testamento. E também avalie pontos fracos e fortes. E como pode ser útil na hermenêutica e na interpretação do texto bíblico.